

ILHADOS

TRATADO SOBRE GURIS

Lourenço Cazarré

Ilustrações: Roberto Weigand

todas
as
letras

MANUAL DO PROFESSOR

A literatura, como afirmava Antonio Candido, “[...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (1989, p. 24). Sendo o ser humano extremamente sensível à fabulação, é primordial que tenha acesso à ampliação de seus horizontes por meio da palavra escrita.

Cabe à instituição escolar a tarefa de inserir o aluno no universo letrado, e o texto é o elemento fundamental para isso. Ao preparar os alunos para adentrar o universo da leitura, a escola garante-lhes a satisfação de um direito humano básico. Ao oferecer literatura aos estudantes, a educação torna-se mais completa. Por um lado, essa oferta insere-os na “grande corrente de comunicação sociocultural”, de que falava Bakhtin (2002), permitindo-lhes a construção de novos enunciados, oferecendo-lhes possibilidades de interação com outras vozes sociais, de tempos e espaços diferentes do seu. Por outro lado, amplia seu horizonte cultural descortinando novas realidades, oferecendo-lhes matéria-prima

para o sonho e a fabulação – matéria que, por vezes, pode ser escassa no cotidiano deles.

E, se a leitura é tão importante, mais relevância ainda ganha no espaço escolar. Em primeiro lugar, pela quantidade de material lido: pesquisas comprovam que o período da vida em que os brasileiros mais leem é o período em que estão na escola. Em segundo lugar, pela qualidade do que se lê: sendo o professor um especialista e tendo objetivos claros de aprendizagem para o grupo, maior é a tendência de as indicações literárias serem qualificadas. Além disso, a interpretação coletiva tende sempre a ser mais aprofundada que a interpretação individual. Afinal, interpretar um texto é atribuir-lhe sentido. Quando um leitor, além de exercer seu papel ativo de atribuir sentido àquilo que lê, tem a oportunidade de ouvir os sentidos atribuídos por outros leitores, passa a ressignificar sua compreensão, aprofundando-a, ampliando-a e transformando-a. Segundo Silva (2005), o aluno que tem a oportunidade de confrontar sua leitura com

a dos colegas vai além do movimento de *constatar* os dados daquilo que lê; ele passa a *cotejar* outros dados e interpretações e, assim, chega à *transformação* de sua própria interpretação.

O papel do professor nesse processo é fundamental: cabe a ele a mediação da leitura. Mediar a leitura de um texto literário significa, entre outros aspectos: chamar a atenção para os trechos essenciais; fazer perguntas que induzam à reflexão sobre o texto; levantar a possibilidade de atribuição de novos sentidos, além dos mais óbvios; explicitar os recursos linguísticos e as figuras de linguagem; tornar explícitas as informações que estão implícitas; induzir a partilha de informações entre vários leitores a fim de que possam comparar e discutir múltiplas interpretações de um mesmo texto.

Ilhados é uma obra que, por suas características, possibilita todo esse movimento. Em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a obra, cujo subtítulo é **Tratado sobre guris**, reúne contos que trazem como protagonistas adolescentes e jovens. Incluindo problemáticas que vão desde a entrada em um novo ambiente escolar – e o consequente conflito entre calouros e veteranos – até a gravidez na adolescência, passando por morte, pobreza e loucura, o livro rompe com o que as Diretrizes chamam de “noção homogeneizante e naturalizada desse estudante” (p. 155). É um livro de contos

de juventudes, no plural, que reúne múltiplas realidades culturais e sociais de diferentes jovens. Partindo do local e singular – a realidade de pequenas cidades do Rio Grande do Sul –, a obra chega ao que é universal e plural.

Fugindo da visão estereotipada do adolescente, o autor aborda temas sensíveis sob a óptica juvenil. Entre esses temas, figura a luta pela sobrevivência e os desafios do mundo do trabalho, assunto pertinente à realidade de muitos alunos do Ensino Médio e abordado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais. Em muitos contos de **Ilhados**, o trabalho (seja de um pedreiro, de um pescador, seja de um marceneiro) aparece, mais que como um ofício, como elemento de identificação das personagens. Esse contexto pode possibilitar uma discussão, em sala de aula, sobre o papel do universo do trabalho na constituição da identidade – presente ou futura – dos estudantes.

Ao confrontar realidades diversas como vida e morte, o papel de homens e mulheres na produção social da existência, sanidade e loucura, pobreza e riqueza, solidão e vida comunitária, a obra também toca, com delicadeza e propriedade, em complexos temas ligados aos Direitos Humanos. Dessa maneira, possibilita a discussão e a reflexão sobre a necessidade de garantir o respeito a esses direitos, em consonância com o que preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

ANTES DA LEITURA

Lourenço Cazarré é autor de diversos livros voltados para o público infantojuvenil. Em **Ilhados**, considerado o melhor livro de contos publicado no Rio Grande do Sul em 2001, agraciado com o Prêmio Açorianos de Literatura em 2002, são reunidos dez contos. Diferentes no enredo e no desfecho, os dez contos possuem pontos em comum: tratam simultaneamente do mundo interior e exterior das personagens; têm crianças e jovens como protagonistas; abordam sentimentos humanos e o tratamento dado a eles pela sociedade; falam de preconceito, tolerância, conflitos e soluções.

Todos esses pontos abordados na obra refletem o tema Inquietações da Juventude e tratam de questões do interesse dos alunos do Ensino Médio. O foco central dos contos é o universo interior dos protagonistas. A partir de seus pensamentos e sentimentos, vão se desenhando as paisagens em que se inserem, as pessoas com quem convivem e os fatos que marcam sua vida. Nesse contraste, delinea-se outro antagonismo: enquanto o ambiente interior marca aquilo que é universal, comum a todos os seres humanos, o exterior marca o que é singular – características da vida e da linguagem típicas do Rio Grande do Sul.

Além disso, as dez narrativas são excelentes exemplos do gênero literário conto: são ficcionais, compostas de título e parágrafos; possuem narrador, ponto de vista e poucas personagens; têm uma estrutura fechada e um foco central, com um único conflito, que se desenrola em tempo e espaço condensados e se desdobra em um clímax; são de pequena extensão (o que facilita a leitura em partes do livro pelo aluno).

Motivação para a leitura

1. Pergunte aos alunos o que o título sugere a respeito do enredo. Levante algumas hipóteses com base nos comentários feitos e proponha uma reflexão posterior à leitura do livro sobre o que a expressão/o título pode significar.
2. Levante com os alunos os diversos sentidos da palavra “ilhados”:
 - “O que ela significa em sentido denotativo?”
 - “E em sentido conotativo, o que pode significar?”
 - “A qual dos sentidos será que o título do livro se refere?”
3. Peça aos alunos que pesquisem o que é um tratado. Em seguida, peça que pesquisem a palavra “guri” (significado e região de origem). Com base nas definições, levante com eles hipóteses sobre o que seria um “tratado sobre guris” e sobre a relação entre o título e o subtítulo.
4. Observe com os alunos a capa e as ilustrações e identifique o ilustrador. Leia com eles o texto de quarta capa. Em seguida, pergunte: “Algo mudou sobre as ideias até então levantadas sobre o livro?”.
5. Proponha que conheçam um pouco mais sobre o autor e que leiam a biografia que se encontra nas páginas finais do livro ou que pesquisem na internet.

6. Peça que leiam o sumário do livro e respondam:
 - “Quantos contos são?”
 - “Sobre o que vocês acham que cada conto fala?”
 - “Será que há relação entre eles? Se sim, de que tipo?”
 - “Por que os contos estão reunidos em um mesmo livro, sob um mesmo título?”
7. Registre todas as hipóteses levantadas nos itens anteriores.

DEPOIS DA LEITURA

O texto e o contexto

1. Após a leitura do livro, estimule os alunos a expor o que acharam da obra. Inicialmente, deixe-os livres para traçar suas considerações a respeito do enredo.
2. Peça a cada aluno que aponte o(s) conto(s) de que mais gostou, justificando a escolha. Proponha uma discussão quanto aos critérios para gostar ou não de um conto: é importante deixar claro para eles que apreciar o estilo do autor, seu trabalho com a linguagem e a construção da narrativa é diferente de apreciar o desfecho do enredo.
3. Retome as hipóteses levantadas antes da leitura e peça aos alunos que digam quais se confirmaram e quais não:
 - “Por que o título da obra é ‘Ilhados’?”
 - “Este título é empregado no sentido denotativo ou conotativo?” (O ideal é que os alunos percebam que é empregado em ambos.)
 - “Qual é a relação entre o título e o subtítulo?”
 - “Há alguma relação entre os dez contos? Se sim, de que tipo?”
4. Elabore com os alunos um quadro comparativo dos dez contos, conforme o modelo a seguir:

Conto	Tempo da narrativa	Espaço da narrativa	Tipo de narrador	Protagonista (nome, se houver, e características)	Antagonista (nome, se houver, e características)	Conflito	Desfecho

Com o quadro acima, as características do gênero literário ficam mais evidentes para os alunos. Bakhtin (2002) classifica os gêneros textuais como “formas relativamente estáveis de um texto”. Observando o que é comum a todos os contos, os alunos podem inferir o que é estável; a partir do que é diferente, podem inferir o que é relativo.

Interpretação do texto

1. No primeiro conto, “Véspera de aula”, peça aos alunos que inicialmente identifiquem os três grandes momentos que constituem a história: da véspera do primeiro dia de aula até o momento da chegada à escola; os acontecimentos do primeiro dia de aula; os acontecimentos do segundo dia de aula. Em seguida, peça a eles que listem, de cada um dos três momentos, alguns fatos principais e alguns sentimentos do protagonista.
2. Chame a atenção dos alunos para o fato de a narrativa desse primeiro conto ser em primeira pessoa:
 - “Isso nos leva a uma identificação com o protagonista?”
 - “E se o conto fosse narrado por um dos veteranos, será que nosso sentimento seria o mesmo?”
3. Professor, caso deseje aprofundar essa exploração do efeito do foco narrativo em primeira pessoa, proponha aos alunos que elaborem uma reescrita do conto, empregando diferentes personagens como narradores: um dos veteranos; um dos inspetores da escola; a mãe do protagonista; a mãe do aluno que morreu.
4. No segundo conto, “Briga de guri”, aproveite para retomar e aprofundar a questão do foco narrativo. O conto é narrado em terceira pessoa, mas o narrador conta a história pelo ponto de vista do primeiro guri:
 - “Será que o fato de a história ser contada pelo ponto de vista do primeiro guri condiciona nossa identificação com o protagonista?”
 - “Se o narrador em terceira pessoa contasse a história pelo ponto de vista do menino negro, será que nos identificaríamos com ele?”
5. Questione os alunos sobre o uso que o protagonista faz dos sapatos do avô:
 - “Qual é o papel desse detalhe no conto?”
 - “Podemos inferir algum aspecto psicológico desse detalhe?”
 - “Será que é difícil para um “guri” calçar os sapatos (ou, seja, “andar com os pés”) de um adulto? Por quê?”
6. Peça aos alunos que levantem hipóteses sobre o motivo que levou o “negrinho” a iniciar a briga: “Será que há um motivo explícito no conto ou ele depende de algum fato anterior à ação do conto, estando apenas implícito?”.
7. No terceiro conto, “Cantiga de ninar”, peça aos alunos que façam uma lista com todas as etapas da rotina dos meninos narrada no texto. Em seguida, peça que façam outra lista com os episódios de sua própria rotina diária e estabeleçam uma comparação entre ambas. Peça que identifiquem:
 - “O que há em comum? E o que há de diferente?”
 - “A que seriam atribuídas as diferenças: ao espaço em que vivem? Ao tempo? À classe social? Ou a outros aspectos?”.
8. Chame a atenção dos alunos para a relação estabelecida no conto entre os meninos e seus cães: há momentos de afeto e cumplicidade e também de agressões e distanciamento. Essa dicotomia também se dá na relação entre os meninos e seus pais. Observando as duas relações, discuta com a turma: “Seria possível dizer que, nessa narrativa, os cães estão para os meninos assim como os meninos estão para seus pais?”.

9. No quarto conto, "Na hora da sesta", discuta com os alunos: "O que é sesta? Na família de vocês existe esse hábito?". Peça que pesquisem se há lugares, no Brasil e no mundo, em que esse hábito seja tão arraigado que as cidades fiquem desertas.
10. Discuta com os alunos a postura dos "guris" diante do "louco":
 - "Foi uma postura de tolerância?"
 - "Como conviver com quem é 'diferente'?"
11. Destaque a escalada de violência presente no conto: as agressões verbais dos meninos levam o louco a matar um deles, ou seja, de uma agressão verbal passou-se ao assassinato por impulso. Essa morte fez com que o grupo dos pais dos meninos "caçasse" o louco e também o matassem, ou seja, um assassinato por impulso, cometido por alguém que não estava de posse de suas faculdades mentais, fez com que homens lúcidos cometessem um assassinato premeditado. Pergunte aos alunos:
 - "Qual é a relação entre essa sequência de fatos e a chamada 'escalada de violência'?"
 - "Como romper esse ciclo e trabalhar por uma cultura de paz?"
12. Peça aos alunos que pesquisem a imagem e a vida de São Benedito e respondam: "Será que o autor utilizou essa imagem como desfecho intencionalmente? Ou poderia ter sido qualquer outro santo?".
13. No quinto conto, "Menino tranquilo nos braços do pai", o protagonista é apontado como alguém "invisível", "parte da paisagem". Questione os alunos:
 - "Será que todas as pessoas são visíveis para nós?"
 - "O que as leva à 'invisibilidade'?"
 - "Por que o protagonista deixa de ser invisível quando se aproxima de casa?"
14. Peça aos alunos que comparem os adjetivos dados aos homens e às mulheres no quinto conto: "Quais são as semelhanças e as diferenças entre eles?". Discuta com a turma a relação entre esses adjetivos (que denotam o modo como homens e mulheres são vistos) e os trabalhos que cada gênero desempenha no conto. Peça a eles que comparem com a própria realidade: "Homens e mulheres ainda são vistos dessa forma?".
15. Antes da leitura do quinto conto, pergunte aos alunos: "A que imagem remete a expressão 'menino tranquilo nos braços do pai'?". Depois da leitura, peça-lhes que comparem com a imagem do desfecho do conto, que certamente será oposta às suas hipóteses iniciais. Pergunte: "Será que o autor usou esse contraste entre título e enredo intencionalmente? Se sim, com que finalidade?".
16. No sexto conto, "Homem todo vestido de negro", peça aos alunos que identifiquem e separem as ações que acontecem no presente da narrativa e as lembranças da infância da personagem que narra a história.
17. Discuta com os alunos se eles concordam ou não com a comparação estabelecida no conto, entre futebol de campo e futebol de salão.
18. Comente com os alunos a relação entre o sucesso dos atletas e vícios em geral. Peça que pesquisem reportagens de atletas que prejudicaram a carreira por algum vício, e de pessoas que escaparam de vícios por meio da dedicação ao esporte. Se possível, peça ajuda ao professor de Educação Física para essa discussão e para a orientação da pesquisa.

19. No sétimo conto, “Pesadelo do soldado que chegou da guarnição distante”, peça aos alunos que levantem hipóteses: “Qual teria sido a causa da morte do menino do chalé?”. Peça que justifiquem suas hipóteses com trechos do conto.
20. No oitavo conto, “Sinal de luz”, proponha aos alunos que produzam um texto como se fossem o Alemão enviando uma carta aos colegas após a morte. Na carta, ele deve justificar por que se afastara meses antes e por que não desviou do caminho. Ao comparar as produções, mostre que não há uma única resposta; o texto dá margem a múltiplas possibilidades. Discuta com eles que aí reside a riqueza do texto literário: diferentemente do texto informativo, na literatura, quanto mais possibilidades de interpretação um texto oferece, mais rico ele é.
21. No nono conto, “Um só corpo, corcovado e imenso”, peça aos alunos que estabeleçam uma comparação com o quarto conto (“Na hora da sesta”): “Os ‘loucos’ de ambos os contos têm pontos em comum? E os desfechos?”.
22. No décimo e último conto, discuta com os alunos:
 - “Por que ele tem o título ‘Ilhados’?”
 - “Qual é a relação desse título com o título da obra? E com os outros contos?”
23. Leia com os alunos matérias sobre tolerância/intolerância religiosa e peça que as comparem com o último conto:
 - “Qual é o papel da religião na narrativa?”
 - “Pode-se identificar o tema da intolerância religiosa no conto? Em que trechos?”
24. Discuta com os alunos quem é o pai do bebê da jovem protagonista e peça que indiquem trechos do conto que comprovem sua hipótese.

Linguagem

1. Peça aos alunos que copiem as duas primeiras frases de cada conto. Em seguida, que contem, em cada uma, a quantidade de orações. Chame a atenção deles para o uso de frases geralmente mais curtas, compostas de apenas uma ou duas orações. Feita essa tarefa, aborde algumas características do gênero conto: é breve e denso, é econômico, contém uma unidade dramática e pretende atingir um efeito específico. Para obter o máximo de efeito com o mínimo de meios, tudo o que aparece no conto deve contribuir para o desenvolvimento e a resolução do conflito que ele apresenta, desde a introdução até o desfecho. Se possível, pesquise a definição de conto da obra *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés (2013, p. 88 a 91) e faça cópias para distribuir aos alunos.
2. Peça aos alunos que considerem essa observação sobre a importância da introdução de um conto para sua unidade e então respondam:
 - “A introdução contribui para o efeito que o autor pretende atingir?”
 - “Na introdução encontram-se pistas do desfecho? Se sim, em que sentido?”

3. Divida os contos entre os alunos de modo que cada grupo de 3 ou 4 (dependendo do número de alunos da turma) fique encarregado de um conto. Cada grupo deverá fazer o levantamento de expressões idiomáticas do Rio Grande do Sul existentes no seu conto, estejam elas na fala do narrador ou na fala das personagens. Se desejar, você pode complementar essa tarefa criando coletivamente um glossário com expressões idiomáticas da região em que fica a escola, para efeitos comparativos.
4. À parte o trabalho anterior sobre expressões idiomáticas, peça aos alunos que construam um glossário coletivo com outras palavras desconhecidas de cada conto.
5. Proponha aos alunos que comparem os contos “Na hora da sesta” e “Pesadelo do soldado que chegou da guarnição distante”. Pergunte: “O que eles têm em comum?”. O objetivo é levá-los a perceber que ambas as narrativas se dão em planos temporais diferentes. Embora os verbos nos dois planos estejam no passado, um dos planos refere-se a um passado mais remoto que o outro. Peça que comparem os recursos gráficos utilizados para marcar essas diferenças: enquanto no primeiro conto são usados tipos de letra diferentes, no segundo é o espaçamento que marca essa distinção.
6. Defina para os alunos os diferentes pontos de vista que um narrador pode assumir: “narrador-protagonista” (quando a narração é feita pelo protagonista em primeira pessoa); “narrador-testemunha” (quando a narração é feita por uma personagem secundária que testemunha os fatos); “narrador onisciente” (quando o narrador não participa da história e tem acesso a diferentes tempos, espaços e pensamentos de diferentes personagens). Peça que classifiquem os tipos de narrador de cada conto e reflitam: “De que forma a escolha do tipo de narrador contribui para o desenvolvimento do conto?”.
7. Chame a atenção dos alunos para o fato de que o narrador onisciente em terceira pessoa, apesar de ter visão de todas as personagens, em geral conta a história do ponto de vista de uma personagem. Retome o conto “Briga de guris” para destacar como a história está centrada no primeiro guri. Destaque também que, em alguns contos, o narrador onisciente em terceira pessoa pode alterar o ponto de vista durante a narrativa. Em “Cantiga de ninar”, por exemplo, essa diferença é marcada pela distinção gráfica do tipo de letra. Peça que identifiquem as duas narrativas paralelas, com tipologias diferentes: a narrativa principal focada no menino (acorda, lembra-se do calor da noite anterior e depois encontra os pais) e a narrativa paralela (meninos brincando no campo e no açude; cão sendo atacado na noite).
8. Peça aos alunos que, divididos em grupos, cada um responsável por um conto, elenquem as personagens que têm nome próprio e as que não têm (que são apenas “o pai”, “a mãe”, “o guri”, etc.). Discuta com eles:
 - “O que essas personagens têm em comum?”
 - “Por que o autor atribui nome a algumas personagens e a outras não?”
 - “Poderíamos afirmar que as personagens que ganham um nome próprio têm, na narrativa, uma identidade de maior relevância?”

9. Explique aos alunos que um mesmo conto pode conter sequências textuais narrativas, descritivas e dialogais. Ainda em grupos, peça que identifiquem essas sequências.
10. Identificadas as sequências, peça aos alunos que classifiquem os tempos verbais predominantes em cada uma delas. Em seguida, proponha a reflexão: É possível afirmarmos que determinados tempos verbais são mais adequados a determinadas sequências textuais?.

Bate-papo e pesquisa

1. Com base no conto “Véspera de aula”, discuta com os alunos os “rituais de iniciação” que acontecem em alguns ambientes acadêmicos: “Existe algum ritual desse tipo em nossa escola? E em outros lugares, esses rituais ainda acontecem?”. Peça que pesquisem, em jornais, em revistas e na internet, matérias sobre os “troles universitários” e os comparem com o primeiro conto. Revistas e jornais diversos, em suas edições de início de ano letivo, costumam ser boas fontes para esse tipo de pesquisa.
2. No conto “Cantiga de ninar”, proponha uma pesquisa com fontes orais. Peça aos alunos que pesquisem com os pais e avós (ou adultos com quem convivam) como era a rotina deles na infância e na juventude. Peça então que comparem essas informações com a própria rotina e com a rotina dos “guris” retratados no conto.
3. No conto “Na hora da sesta”, peça aos alunos que pesquisem reportagens sobre diferentes abordagens do tratamento psiquiátrico: “Quais são as vantagens e as desvantagens do tratamento manicomial? Por que ele não é recomendado atualmente. Você pode sugerir a eles que consultem os seguintes textos: “A reforma psiquiátrica brasileira e a política de saúde mental”. Disponível em: <www.ccs.saude.gov.br/vpc/reforma.html>; e “História dos manicômios”. Disponível em: <www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/manicom/manicom8.htm>. Acesso em: 19 abr. 2018. Nos dois sites sugeridos há outros textos sobre o assunto.

Produção de texto

Com base na leitura de **Ilhados**, proponha a escrita de um livro de contos coletivo da turma. Cada aluno ficará responsável pela escrita de um conto, e a reunião de todos eles comporá a coletânea. Para orientar a escrita dos contos, sugerimos os seguintes passos:

I. Planejando o texto:

1. Contextualize a situação de produção com os alunos: definam quantos contos terá o livro coletivo; como será impresso; a quem será destinado; se haverá ou não um evento de lançamento; etc.
2. Peça a cada aluno que defina o conteúdo temático do seu conto: “Qual será o assunto abordado? Qual será o conflito central? E o clímax? Como será o desfecho?”.

3. Definido o conteúdo temático, peça a cada aluno que faça a planificação do texto, ou seja, que elabore uma lista com os principais episódios. É importante que, na planificação, os episódios sejam bastante condensados e iniciem-se sempre por substantivos, e não pelas sequências textuais a serem utilizadas (por exemplo: “Descrição da personagem principal”; “Relato dos acontecimentos do período da manhã”; etc.).

II. Textualizando:

1. Cada aluno deve definir, para iniciar sua textualização, o tipo de narrador que utilizará em seu conto.
2. Definido o narrador, os alunos devem, com base na planificação feita, escrever as sequências textuais, construindo seu texto.
3. É importante que os alunos utilizem os recursos linguísticos estudados: palavras com sentido denotativo e conotativo; frases curtas para iniciar o conto; e narrativas condensadas.

III. Revisando o texto:

1. Proponha aos alunos que façam a revisão do conto produzido. Oferecemos, a seguir, uma sugestão para os critérios dessa revisão, lembrando que você pode estabelecer outros critérios:
 - O título do conto é atraente?
 - O conto aborda um conflito único?
 - A linguagem utilizada é densa o suficiente para envolver o leitor?
 - O enredo é verossímil? (Explique aos alunos o conceito de verossimilhança, ou seja, da qualidade de algo parecer verdadeiro, possível de ocorrer.)
 - A introdução é composta de frases curtas, que “dão o tom” do restante do texto?
 - Há um clímax no seu conto? Ele gera alguma tensão no leitor?
 - O desfecho é surpreendente?
 - Os episódios estão bem encadeados, de modo que a leitura seja dinâmica e envolvente?
 - Os tempos verbais estão adequados aos tempos dos acontecimentos?
 - Há repetição de palavras, que podem ser substituídas por pronomes ou outras expressões?
 - O conto respeita as normas ortográficas?
 - A pontuação está adequada?
 - A paragrafação facilita ou dificulta a leitura?
 - Há concordância verbal e nominal?
2. Depois de cada aluno revisar o próprio texto, divida-os em duplas, para que, seguindo o mesmo roteiro, um revise o texto do outro.
3. Peça a cada aluno que, após revisar o texto do colega, faça uma última revisão do próprio texto.

Professor, essa proposta de produção textual deve ser realizada em quatro aulas, de modo que o aluno tenha tempo de desenvolver sua escrita e possa estabelecer o distanciamento necessário para revisá-la posteriormente.

Fazendo arte

Chame a atenção dos alunos para as ilustrações da obra trabalhada. Focalize principalmente os seguintes pontos:

1. As ilustrações dos contos são todas em preto e branco. O jogo de luz e sombra predomina. Qual é a relação desse aspecto com o enredo das histórias?
2. Nas ilustrações, as personagens têm rostos definidos? Se sim, em quais delas? Esse aspecto tem relação com as características descritas das personagens?
3. As ilustrações de abertura dos contos antecipam, de alguma forma, o que vai ser narrado? Em quais contos isso ocorre?

Atividade interdisciplinar

Produção de livro de contos

Os contos elaborados pelos alunos podem ser coletados para a produção de uma coletânea de contos. Oriente-os nessa atividade. Se achar necessário, peça ajuda do professor de Arte para o desenvolvimento da tarefa.

1. Peça aos alunos que digitem os textos deles, de acordo com um padrão estabelecido, com título em destaque e com o nome do autor.
2. Cada aluno deverá elaborar uma ilustração para acompanhar seu conto. Eles poderão expressar-se artisticamente com o estilo de sua preferência na elaboração dessas ilustrações.
3. Oriente-os a organizar um sumário, uma apresentação elaborada de forma coletiva pela turma e uma capa.
4. Por fim, os alunos devem providenciar a encadernação do material e promover sua circulação por meio da biblioteca da escola.

LEIA TAMBÉM

Contos populares do Sul, de Caio Riter, Cléo Busatto e Luana von Linsingen. Organização de Elaine Maritza. Ilustrações de Guazzelli. São Paulo: Scipione, 2015.

Para ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a região Sul, este livro reúne 12 lendas locais, recontadas por autores nativos. Caio escolheu histórias do Rio Grande do Sul, Cléo selecionou narrativas do Paraná e Luana coletou contos de Santa Catarina. Transmitidas oralmente por séculos, as histórias são o resultado da mistura de contos trazidos pelos colonizadores, lendas indígenas e narrativas africanas. Há também a influência de outros povos que imigraram para o Brasil.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. Ribeiro (Org.). *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SILVA, E. T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 2005.